

Como um cão que sonha a noite só

A gente

que tem de aprender a arrancar deste tempo o minério-húmus com que criar esses breves artefatos de língua;

a gente

que leva a vida a travar-se contra (e dentro) dessa “música tão resseca que vai ao timbre de punhal, navalha”;

a gente

que freqüenta essa matéria com a fé mesma com que se digere um deus num corpo de farinha;

a gente

que se doa e perde nesse fazer extremo, tãoomente sem valia;

a gente

que sustenta a vida com os sonhos em punho;

a gente

que depois de tudo regressa ao princípio — e reaprende com os ossos e as cinzas...

a gente

que cultiva “o metal sem húmus dessa música” como a uma rosa (pobre e vulgar, mas forte) para ofertar aos carrascos de nossos filhos:

essa gente lateja em minha
língua (pobre e vulgar,
vinda a séculos,
com suas pragas
e seu deus cruel,
sulcando o mar) —

como um cão que sonha a noite só.

[No poema, citam-se versos de João Cabral de Melo Neto]

BRAÚNA, Décio. *Metal sem húmus*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008 [p. 87-88].